

Cadernos de estágio

Estágio supervisionado em Pedagogia: vivências e reflexões

Ailson Gomes de Lima ¹

Informações

1 ailson.gomes@ifam.edu.br

Como citar este texto

LIMA, Ailson Gomes de. Estágio supervisionado em Pedagogia: vivências e reflexões. Cadernos de Estágio, v. 7, n. 2, 2025. DOI: [10.21680/2763-6488.2025v7n2ID38481](https://doi.org/10.21680/2763-6488.2025v7n2ID38481).



Volume 7, N2

Cde

Julho - Dezembro
Submetido em: 09 de Dezembro de 2024
Publicado em: 02 de Setembro de 2025

ISSN: 2763-6488

Mesmo que alguns considerem o estágio supervisionado uma etapa enfadonha ou cansativa, é inegável que ele desempenha um papel essencial na formação docente, pois serve como uma ponte entre a teoria acadêmica e a prática escolar. Meu estágio Supervisionado de Segunda Licenciatura em Pedagogia aconteceu no período de 15 de agosto a 14 de novembro de 2022, na Escola Municipal Delphina Aziz, localizada em Eirunepé/AM. Nesse período tive a oportunidade de vivenciar experiências marcantes, que me proporcionaram reflexões significativas sobre o fazer pedagógico.

Porém, antes de iniciar minhas reflexões, gostaria de expressar os motivos pelos quais eu decidi fazer o curso. Não foi uma escolha ao acaso, mas foi, inicialmente, uma decisão influenciada por uma questão prática e financeira. Vale ressaltar que sou formado em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Acre e o objetivo com a Pedagogia foi aumentar as oportunidades nos concursos com uma formação extra.

Contudo, quando olhei mais profundamente, percebi que a escolha ia além de aspectos práticos. Eu tive também um desejo de compreender a educação de maneira ampla e crítica. Fazer Pedagogia foi minha forma de entender melhor a práxis educacional, não apenas no ato de ensinar dentro de uma sala de aula, mas em tudo o que envolve o

processo educacional: o planejamento, a análise de dados, as diferentes realidades e níveis da educação. E sim, isso foi libertador! Ovi uma vez no mestrado que “todos os professores deveriam fazer pedagogia, pois te dá uma nova visão sobre a educação”, e hoje eu concordo plenamente com esse pensamento.

Esclarecidos esses pontos, passo agora às minhas reflexões. Este relato, fundamentado em minhas observações e participações, tem como objetivo descrever detalhadamente as atividades desenvolvidas na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, destacando os desafios enfrentados, as metodologias empregadas e as aprendizagens que emergiram dessa experiência enriquecedora.

Ao longo do estágio, vivenciei momentos que revelaram a dinâmica do ambiente escolar e o papel transformador da educação. O estágio no Pré-Escolar I começou com um acolhimento caloroso. A professora responsável pela turma incentivou as crianças a participarem de uma brincadeira de adivinhação de cores. “Que cor é esta?”, perguntou ela, segurando um lápis vermelho. Algumas crianças acertaram prontamente, enquanto outras demonstraram dificuldade. Essas respostas espontâneas revelaram tanto a diversidade de níveis de aprendizado na turma quanto o potencial das brincadeiras como instrumentos pedagógicos.

Nos dias seguintes, o foco foi tra-

lhar as cores por meio de atividades práticas. Os alunos foram incentivados a colorir desenhos de animais e objetos, utilizando lápis de cores variadas. “Não se preocupe com o desenho do colega; o seu ficará lindo também”, dizia a professora, reforçando a importância da individualidade. Essas atividades demonstraram como a criatividade e a interação podem fortalecer o processo de aprendizagem.

O trabalho com formas geométricas foi igualmente enriquecedor. A professora trouxe para a sala objetos como bolas, cubos e pirâmides, deixando os alunos explorarem livremente antes de introduzir os conceitos. “Essa bola é redonda, como o sol!”, explicava ela, integrando elementos do cotidiano das crianças ao conteúdo pedagógico. A interação espontânea com os objetos ajudou as crianças a assimilar os conceitos rapidamente, mostrando a eficácia de métodos lúdicos no ensino da matemática inicial.

Outro momento marcante no Pré-Escolar I foi o trabalho com sons. A professora utilizou gravações de sons de animais para estimular a curiosidade dos alunos. “Quem sabe que bicho faz esse som?”, perguntava, enquanto tocava o som de um gato. A empolgação das crianças era evidente, e algumas até saíram da escola cantando as músicas trabalhadas durante a aula. Essa atividade mostrou como a música e os sons podem ser ferramentas poderosas para

engajar os alunos e reforçar o aprendizado.

No Pré-Escolar II, as atividades tinham como foco principal a alfabetização e o desenvolvimento de habilidades matemáticas básicas. A professora utilizava músicas para ensinar o alfabeto, promovendo um ambiente de aprendizado divertido e descontraído. “Cantem comigo: A, B, C, D...”, ela dizia, enquanto os alunos acompanhavam com entusiasmo. Essa estratégia facilitou a memorização das letras e incentivou a participação ativa dos alunos.

No Ensino Fundamental, as atividades eram mais estruturadas, com um foco maior em disciplinas específicas como Língua Portuguesa e Matemática. No primeiro ano, as observações começaram com aulas sobre contagem utilizando palitinhos coloridos. A professora entregava palitinhos para cada aluno e pedia que contasse. “Quantos palitinhos você tem?”, perguntava. As respostas variavam, refletindo diferentes níveis de compreensão. Essa prática destacou a importância de atividades concretas no processo de alfabetização matemática.

No terceiro ano, a leitura foi o principal destaque. A professora lia histórias em voz alta, incentivando os alunos a interagir com o texto. “Quem consegue adivinhar o que vai acontecer agora?”, perguntava, estimulando a imaginação dos alunos. Após a leitura, os alunos realizavam atividades de escrita e coloriam

desenhos relacionados à história. Essas aulas reforçaram a importância de estratégias diversificadas para engajar os alunos e facilitar a aprendizagem.

Outro aspecto relevante foi o uso de jogos educativos no Ensino Fundamental. Durante as aulas sobre formação de palavras, a professora utilizou sílabas impressas em cartões, transformando o aprendizado em uma atividade lúdica. “Quem consegue formar uma palavra com essas sílabas?”, desafiava ela. A resposta das crianças foi entusiasmada, e a brincadeira ajudou a reforçar os conceitos trabalhados.

As aulas de Matemática no terceiro ano também se destacaram pela criatividade. A professora utilizava jogos da memória, nos quais os alunos associavam números a objetos desenhados. “Vamos ver quem encontra o número certo primeiro!”, dizia, incentivando a competição saudável. Essa abordagem ajudou a consolidar os conceitos de adição e subtração, mostrando que o aprendizado pode ser divertido e eficiente ao mesmo tempo.

Ao longo do estágio, percebi o quanto as atividades lúdicas fazem diferença na Educação Infantil. As professoras usavam brincadeiras, músicas e jogos de forma muito natural, criando um ambiente em que aprender parecia algo leve e prazeroso. Isso me fez lembrar de Vygotsky, que defendia que a aprendizagem se dá nas interações, nas trocas, e que a brincadeira não é só diversão,

mas parte fundamental do desenvolvimento infantil. No entanto, também me fez refletir: até que ponto essas práticas estão realmente alinhadas a uma proposta pedagógica intencional e não se tornam apenas atividades repetitivas? A ludicidade é poderosa, mas precisa estar conectada a objetivos claros para não perder seu valor formativo.

No Ensino Fundamental, algo que me chamou atenção foi o uso de materiais concretos, como palitinhos, cartões e jogos, para ajudar as crianças a entenderem melhor a matemática e a formação de palavras. Isso me fez pensar nas teorias de Piaget, que falava sobre a importância do contato com o concreto para que a criança construa seu próprio conhecimento. E, de fato, dava certo! As crianças se engajavam, participavam, aprendiam. Mas também fiquei pensando nos desafios futuros: será que, se não houver uma transição bem pensada, esses alunos conseguirão desenvolver o raciocínio mais abstrato, tão necessário nos anos seguintes?

As rodas de leitura e as conversas após as histórias foram momentos que me marcaram muito. Era bonito ver os alunos se envolvendo, imaginando, criando. Isso dialoga muito com o que Paulo Freire defende a educação como um espaço de diálogo, onde o saber é construído coletivamente, de forma viva. Porém, também percebi que, muitas vezes, essas atividades correm o risco de se esvaziar quando ficam res-

tritas à cópia ou à simples repetição de respostas. Fiquei pensando no quanto é necessário que o professor assuma um papel provocador, que instiga, que desperta perguntas, que transforma a leitura em um caminho para o pensamento crítico e não apenas em um exercício mecânico.

Durante o estágio, percebi que um dos maiores desafios enfrentados pelos professores é lidar com a diversidade de níveis de aprendizado em uma mesma sala. No Pré-Escolar I, por exemplo, enquanto algumas crianças identificavam cores e formas com facilidade, outras precisavam de mais apoio. A professora, com paciência e dedicação, adaptava as atividades para atender às necessidades individuais dos alunos, mostrando a importância de uma abordagem personalizada no ensino.

Outro desafio significativo foi a falta de valorização do trabalho docente, apontada por uma professora do Pré-Escolar II. “Às vezes, parece que os pais não entendem o quanto nos esforçamos”, ela desabafou. Essa questão trouxe à tona a necessidade de maior reconhecimento e apoio aos professores, que desempenham um papel crucial na formação das crianças.

No Ensino Fundamental, o desafio era manter o engajamento dos alunos, especialmente em atividades mais complexas. Durante as aulas sobre subtração no terceiro ano, alguns alunos demonstraram dificuldade em compreender o

conceito. A professora, com sensibilidade, dedicava tempo extra para ajudar cada aluno, mostrando que a paciência é uma virtude essencial na prática docente.

As experiências vivenciadas durante o estágio supervisionado foram extremamente enriquecedoras, proporcionando-me uma nova perspectiva sobre o papel do professor na sala de aula. Uma das lições mais valiosas foi a importância de ensinar com amor e criatividade. A interação com as crianças mostrou que, quando o professor se dedica a criar um ambiente acolhedor e estimulante, o aprendizado acontece de forma natural e prazerosa.

Outro aspecto importante foi a necessidade de se adaptar às necessidades dos alunos. Cada criança tem seu próprio ritmo de aprendizado, e cabe ao professor identificar essas diferenças e ajustar suas estratégias de ensino. Essa abordagem individualizada é fundamental para garantir que todos os alunos tenham a oportunidade de alcançar seu pleno potencial.

Além disso, o estágio reforçou a importância da educação infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental como base para a formação integral do sujeito. Esses anos são cruciais para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais e emocionais, e o papel do professor nesse processo é indispensável.

O estágio supervisionado na Escola

Municipal Delphina Aziz foi uma experiência enriquecedora, que me permitiu aplicar os conhecimentos adquiridos na formação acadêmica e aprender com a prática. As vivências no Pré-Escolar e no Ensino Fundamental me mostraram a complexidade e a beleza da profissão docente, destacando a importância de ensinar com dedicação, paciência e criatividade.

Essa experiência me preparou não apenas para os desafios da sala de aula, mas também para enxergar a educação como um processo contínuo e transformador. Como educadores, temos a responsabilidade de cultivar um ambiente de aprendizado acolhedor e estimulante, onde cada criança possa desenvolver suas habilidades e potencialidades. Essa vivência reforçou minha convicção de que a educação é a chave para um futuro melhor, e o professor, um agente fundamental dessa transformação.

Diante de tudo isso, passei a gostar da pedagogia e quis aprender mais sobre a legislação educacional, compreender o que realmente fundamenta e orienta o trabalho de quem ensina. Queria estar mais preparado para contribuir de forma direcionada ao ensino de crianças e jovens, não de forma isolada, mas considerando todas as engrenagens que movem a educação como um todo.

Com a Pedagogia, entendi que educar vai além do simples repasse de conteúdo. É atuar com propósito, entendendo que o ensino é uma construção coletiva,

com desafios e responsabilidades que precisam de uma base sólida e consciente. Essa escolha foi um passo rumo ao que acredito ser uma contribuição significativa para a sociedade.

Referências

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Tradução de José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.